

**AURORA,**  
A RUA QUE QUERIA SER UM RIO

por  
Radhi M.



“Você já viu rua ter amigo?  
Nem eu.  
Rua tem transeunte, não amigo.  
Mas eu tive alguns e isso posso dizer.”

Aurora

**SINOPSE:** O curta metragem narra em primeira pessoa a biografia de uma rua chamada Aurora. Como uma rua do centro velho de São Paulo, Aurora é testemunha concreta da cidade. Sua compreensão do tempo e da vida é diferente da nossa, e suas observações e sentimentos em relação as pessoas vão mudando conforme o tempo passa. Se na sua “juventude” tudo o que queria era se tornar uma elegante avenida para os carros passarem, agora sente falta de ser um rio sentir-se infinita. A partir das divagações da rua em um dia de chuva, somos levados a conhecer a personagem visitando também um pouco da história do cotidiano da cidade. O filme pretende explorar variadas técnicas de animação.

#### **DESCRIÇÃO DAS PERSONAGENS:**

**AURORA:** Tem um olhar sensível e sagaz. Está atenta às mudanças históricas a sua volta e compartilha um pouco do sentimento histórico de cada momento que vive. Atualmente anda às voltas com a idéia de morrer. Apesar de ser uma rua, tem um medo profundo da morte, da solidão e do esquecimento.

**PESSOAS DA CIDADE:** Ao longo do curta diversos mini arcos são explorados com as pessoas da cidade, que a seu modo encarnam o olhar e às ansiedades da rua. A relação entre as pessoas e a rua é quase simbiótica.

## 1. EXT. RUA AURORA, TEMPOS ATUAIS - ANOITECER

Tela escura. Ouvimos o som baixo de buzinas e pneus misturado ao som de passos apressados e sussurros abafados. Algumas vozes se sobressaem mas não é possível distinguir ao certo o que dizem. Trovões. Ouvimos os pingos batendo no asfalto e os passos se apressando. Aos poucos as vozes começam a desaparecer, restando só o som da chuva. Uma voz suave se sobressai.

AURORA (off)

Você já viu uma rua morrer?

A tela vai revelando lentamente a imagem de uma SENHORA DE IDADE andando pela rua semi deserta. Os pés descalços mergulham nas poças de água enquanto ela arrasta um carrinho de supermercado carregado com papelão e objetos aleatórios. Ela anda apressada, mas não parece ter fôlego para escapar da chuva.

AURORA (off)

É claro que não, nem eu. Rua não morre.

(incerta)

Não morre, né?

A senhora busca abrigo em alguns comércios que vão fechando as portas conforme ela passa. A chuva começa a cessar. Exausta, por fim se senta em uma canaleta e observa uma poça formada perto da calçada. O reflexo de seu rosto se mistura com o asfalto.

AURORA (off)

(firme) É claro que não.  
Rua muda de nome, vira avenida,  
vira alameda. Se der sorte vira  
estrada. E se estica, forte, até  
o outro lado do País.

Enquanto AURORA dá o texto, a senhora toca no próprio reflexo e observa seu rosto se deformar. As linhas cintilantes de água refletem a lua. Quando AURORA menciona estrada, um caminhão com farol alto passa buzinando pela rua assustando a senhora. Na carroceria, o desenho de uma estrada banhada pelo sol. Por alguns segundos mergulhamos na imagem do caminhão e assistimos a estrada se esticar, em uma paisagem tropical.

AURORA (off)

Sabe, eu sempre quis ser uma estrada, livre, inteira, sem destino. Uma estrada dessas que nunca acaba, que só para mesmo quando chega no mar... Aliás, você já viu uma rua entrar no mar?

O caminhão passa e nos voltamos mais uma vez para a SENHORA DE IDADE, que coça os olhos atordoada com a luz do caminhão. Ela se volta para os pés. Pequenos peixinhos prateados passeiam entre seus dedos na poça. A velhinha atordoada coça os olhos novamente e eles desaparecem como reflexos da lua.

AURORA (off)

É claro que não, nem eu. Rua não entra no mar, e nem morre. Isso é algo certo que eu sei sobre ruas.

A senhora parece atordoada. Olha a sua volta, mas está completamente sozinha. Ela ri enquanto se levanta lentamente e apoia-se em seu carrinho para seguir viagem.

AURORA (off)

Vão-se as casas, vai-se a cidade, mas os caminhos ficam porque eles não são feitos de tijolos. Não, eles não são por gente.

A velhinha volta a caminhar pelo meio da rua. Sua sombra projetada deixa um caminho desenhado no chão. Algumas de suas bugigangas caem enquanto ela anda, mas ela não parece perceber. Nos detemos em um panfleto que cai do carrinho. O anúncio de um novo condomínio no bairro. "Cidade do futuro", anuncia uma ilustração futurista com um grande complexo de pequenas janelas e grades estilizadas. O papel viaja com o vento e cai em uma canaleta sendo levado pela força da água.

AURORA (off)

Eu soube que era uma rua quando senti a primeira enxurrada me escolher como caminho.

A imagem da publicidade vai se desfazendo na água.

FADE OUT:

**2. EXT. FLORESTA, PASSADO DISTANTE - AMANHECER**

A tela escura vai sendo preenchida lentamente pelo contorno de folhas e pedras. O traço da animação da cena é manual e as cores remetem a aquarela.

AURORA (off)

Depois vieram os animais.  
As formigas, os tatus e as onças  
pintadas...  
Foram me desenhando. Naquela  
época eu não sabia direito onde  
começava ou terminava, e era  
melhor assim, porque me sentia  
um pouco parte de tudo.

Conforme os animais vão passando a imagem vai aumentando, revelando cada vez mais a tela.

AURORA (off)

Era um tempo bom, de sol e chuva  
e vento e nada.  
Eu nem sabia o que era morrer  
porque nada em mim tinha fim.

A imagem atinge seu auge, um grupo de pássaros coloridos passa pela tela, macacos pulam entre galhos de árvores de tronco maciço, e um filete de rio se forma pelo caminho. Acompanhamos um pequeno Prea beber água nele. O som de um tiro o assusta.

AURORA (off)

Quando o primeiro homem de  
calças pisou em mim - desses que  
dão nome pras ruas - eu achei  
muita graça do seu jeito de  
pisar. Ele usava uma bota dessas  
pontiagudas, feitas pra pisar em  
ruas domesticadas, cobertas de  
pedra.

Apenas as botas do bandeirante surgem em tela, em primeiro plano. Botas de couro, grandes. Ele caminha, podemos ver também sua espingarda.

AURORA (off)

Ele deu uma cusparada ali, e eu virei cidade.

O bandeirante afunda os pés na terra e quando levanta começa a vaziar do buraco em que deixou uma espécie de tinta escura que cobre a tela.

FADE OUT:

### **3. EXT. RUA AURORA, 1700-1800 - NOITE**

Pontinhos de luz vão surgindo na tela, revelando ser postes antigos. O estilo da animação agora é **stop-motion**. A rua que se revela já tem chão de terra batida e está cercada por casinhas térreas.

AURORA (off)

Achei muito lindo virar cidade no começo. Quer dizer, eu ainda era só uma rua, mas era cidade também.

"Mãos gigantes" vão surgindo e trocando as casinhas por outras casinhas "mais modernas" conforme ela fala. Alguns personagens passeiam pelo cenário mas logo são substituídos também. Uma carroça é substituída por uma charrete. Uma vaquinha por um vendedor de jornais. Uma moça que observa a rua pela janela vai mudando de figurino conforme mudam o cenário.

AURORA (off)

Me cobriram de terra, e depois vieram as casinhas. Uma aqui a outra ali e logo eram muitas, com crianças que logo eram adultos e faziam mais casinhas.

As mãos interagem com os personagens na rua, que eventualmente fogem das mãos. Um menino de boné de pano consegue escapar de ser trocado e assiste as trocas escondido atrás de um poste.

AURORA (off)

E haviam as carroças, e os cavalos e os vendedores de leite.

Por fim a mão gigante pega o menino e o devolve para a rua adulto, vestindo um terno e um chapéu elegante. Ele

toca confuso seu bigode. A moça na janela suspira. Ele tira o chapéu revelando sua cabeça careca. A moça dá uma gargalhada. Ele sai emburrado. A moça levanta uma revista de moda e volta a suspirar. As mãos passam trocando novamente o cenário e passando um rolo de asfalto na rua.

AURORA (off)

Depois me vestiram de asfalto,  
era um pouco apertado mas valia  
a pena porque fiquei parecendo  
uma rua dessas de revista. Você  
já viu uma rua de Paris coberta  
de terra? Nem eu.

A moça sai da pequena casa usando uma roupa elegante e um espartilho apertado. Ela caminha com dificuldade mas parece orgulhosa. Um raio anuncia novamente a chuva e a moça corre desajeitada de volta para casa.

AURORA (off)

Depois vieram os postes de luz,  
substituindo os Ipês. Me  
adornavam as curvas e logo eu  
era mais brilhante que o céu.

Outro raio toma a tela e com ele surgem postes elétricos. As árvores desaparecem e novamente o cenário é trocado pelas mãos gigantes. As mãos vão destruindo de forma cada vez mais violenta as casas mais simples enquanto as substituem por versões cada vez mais "modernas" e requintadas. Agora alguns personagens protestam, mas são empurrados pelas mãos gigantes para as bordas da rua enquanto novos personagens (cada vez mais bem vestidos) vão entrando nas casas novas.

AURORA (off)

Me deram um nome, mas já me  
esqueci qual era porque logo me  
deram outro. E depois veio outro  
de quem ninguém se lembra  
também.

A rua vai ficando cada vez mais sépia. Aos poucos os personagens mais pobres vão desaparecendo da rua, restando apenas a mocinha da janela que agora é uma senhora tricotando.

FADE OUT:

#### 4. EXT. RUA AURORA, 1930 - DIA

Um olho surge na tela piscando. Logo surgem outros. Os olhos vão revelando ser de pombas que levantam vôo assustadas quando um carro de modelo antigo passa. O carro passa pela placa da rua que diz: Aurora. Um senhor careca com óculos redondos escreve em um caderninho logo abaixo da placa,

AURORA (off)

E aí me chamaram de Aurora. Até que me caiu muito bem. Eu era uma rua importante. Ou mais ou menos importante. Ou regularmente importante.

Um padeiro usando avental expulsa as pombas que vão e voltam. Ele volta para dentro da padaria irritado. Na janela ao lado da padaria, uma senhora que tricota tira de debaixo dos panos, migalhas de pão que joga na rua atraindo as pombas de volta.

AURORA (off)

Não tão importante quanto uma avenida, mas certamente melhor que uma viela eu acho...

O padeiro sai novamente mal humorado e expulsa as pombas. A velhinha ri. Uma menina aparentando 6 anos observa a cena e ri do outro lado da rua. O padeiro se ofende e grita com a menina.

AURORA (OFF)

Tudo o que eu queria era ser promovida a avenida. Talvez a alameda, já pensou que chique? Eu, Alameda Aurora. Ou Boulevard Aurora. Senhora Boulevard Aurora.

Um carro elegante passa por eles, e uma moça usando roupas da moda e um corte moderno desce. O padeiro imediatamente para de brigar e tenta se aprumar para cumprimeirar a moça. A menina foge e mostra a língua para ele no caminho. A moça elegante caminha pela calçada em direção a padaria, mas para ao ver uma pomba na porta e volta para o carro com cara de nojo.

AURORA (OFF)

Tá bom, eu sei que Boulevard é rua em francês... Mas rua em francês é muito mais chique não é mesmo? E eu teria boutiques e sorveterias muito elegantes, nada de homenzinhos descalços jogando bola na minha esquina...

Menina e velhinha riem juntas da cena enquanto o padeiro afasta as pombas raivoso. Um grupo de meninos passa jogando uma bola improvisada.

AURORA (OFF)

Pensando bem agora, até que sinto saudade daqueles pezinhos descalços. Admito que faziam cócegas gostosas nos dias de sol... Mas não... Não. Era um tempo de progresso e progresso significa menos meninos descalços e mais prédios certo?

Um homem de terno surge na rua e fura a bola dos meninos. Desta vez o padeiro é quem ri. Ele mede a rua com uma fita métrica. A menina parece assustada.

AURORA (OFF)

Meu sonho era ostentar um arranha céu, bem lindo, igual as ruas do centro velho. Já imaginou eu? Com meu próprio arranha-céu? Você já viu uma rua encostar numa nuvem? Nem eu, mas a avenida Angélica jura que tocou.

O homem entra em um carro e desaparece. A menina mostra a língua pra ele e deita no chão, olhando as nuvens.

AURORA (OFF)

Aquela convencida, fez questão de se gabar quando construíram o primeiro prédio sob ela.

As nuvens vão tomando formas que ilustram as falas de Aurora, formando prédios e arranha céus.

AURORA (OFF)

Quando você é uma rua, como eu, metade do que se vê é céu. Com o tempo acostuma, eu até gosto de bater papo com as nuvens, ver elas indo e voltando. Dando nome...

AURORA (OFF)

Homenzinho de duas pernas não sabe dar nome pra nuvem, isso é coisa de rua. Mas aos poucos o céu foi ganhando contorno de prédio. Prédio aqui, ali acolá. Prédio todo o lado, menos pra mim. Todo mundo tinha um prédio enquanto eu tinha que me contentar com esses sobradinhos sem graça.

A sombra de prédios vai dando contorno ao céu que a menina observa.

AURORA (OFF)

Toda a rua aqui perto já tinha um edifício quando me surgiu o primeiro de 3 andares.

##### **5. EXT. RUA AURORA, 1960 - DIA**

Voltamos a ver a menina, que agora cresceu e aparenta ter vinte e cinco anos. Pôsteres e a vestimenta dos personagens indicam que estamos nos anos 60. A animação é hiper colorida. Ela caminha pela rua com as mãos nos bolsos. O padeiro, agora bem velhinho, ainda expulsa as pombas. A menina passa pela janela onde a velhinha tricotava e alimentava os pombos mas não há mais ninguém. Ela suspira. Um carro para a seu lado.

AURORA (OFF)

Agora a moda era os homenzinhos andarem com rodas. Tinha dias que eu via mais carro que gente por aqui.

O homem da fita métrica sai do carro e de dentro do carro saem algumas centenas de homenzinhos que passam a construir prédios e grandes lojas na rua. A menina

atordoada vê a padaria ser substituída por uma "Mega Store". Grupos de pessoas sorridentes passam por ela aos bandos, atrás passa um desfile militar. Os soldados apontam armas para os que não estão sorrindo.

AURORA (OFF)

Comecei a sentir falta de sentir um pézinho aqui, uma sandália vermelha ali... Um pé goiaba, um préa fugindo de onça, um filete de rio...

A menina parece atordoada, tentando andar contra o fluxo. Por fim se rende e entra para o desfile.

## **6. EXT. RUA AURORA, 1990 - NOITE**

Quando o alvoroço passa a rua fica com uma aparência de destruição e decadência. A paleta da animação é monocromática em tons de azul. Um gato preto assustado passa pela rua.

AURORA (OFF)

Você já viu rua ter amigo? Nem eu. Rua tem transeunte, não amigo. Mas eu tive alguns e isso posso dizer. De vez em quando fazia amizade com um gato ou um filhote de passarinho.

O gato entra em um buraco no muro e desaparece. Um homem bêbado entra na rua cambaleante.

AURORA (OFF)

As vezes até com gente, mas gente é coisa rara porque tem que ter uns ouvidos sensíveis pra me ouvir falar. Tem que saber a língua da cidade.

O homem parece conversar com a parede. Ele oferece um brinde a calçada e cai, dormindo na canaleta.

AURORA (OFF)

Mas quando tinha era bom, pode não parecer mas eu gosto de companhia. É bom ter alguém pra contar das minhas histórias, minhas reclamações... Mas as

peças foram minguando e os  
gatos foram sumindo, e os  
filhotes de pomba não sei pra  
onde foram e eu fiquei.

A rua parece deserta. A luz de um poste se apaga deixando  
o breu.

FADE OUT:

**7. EXT. RUA AURORA, TEMPOS ATUAIS - NOITE**

Voltamos para a paisagem da primeira cena. A rua está  
molhada agora. Acompanhamos os reflexos das casas e  
edifícios nas poças de água.

AURORA (OFF)

E agora que eu vou do 1 ao 1038...  
Que eu tenho um CEP e um serviço  
de esgoto...  
Sinto que alguma coisa em mim  
vai indo embora.

AURORA (OFF)

Preciso ficar o tempo todo me  
lembrando de quem eu era pra não  
deixar de ser eu, e fica difícil  
quando não tem ninguém pra  
contar.

Um grupo de pessoas passa pela rua, de forma automática.  
Alguns olham o celular.

AURORA (OFF)

E quem olha pra rua agora? E  
quem quer ouvir história de rua  
agora?

AURORA (OFF)

Quando chove assim eu sinto uma  
saudade gigante de ser rio. Eu  
fecho os olhos e fico me  
imaginando cheia de peixe, cheia  
de força, uma enxurrada de água  
para alagar essa cidade toda!

Um som de enxurrada vai surgindo. No começo bem baixo mas  
aumentando. A terra começa a tremer. Os transeuntes se  
assustam. Do chão começa a brotar água, cheia de peixes.  
A água vai tomando a rua, arrastando as pessoas. Objetos

e pessoas se misturam dentro da água. Reconhecemos o padeiro, as pombas, a velhinha com o carrinho de supermercado, a bola de futebol, a linha e a agulha da velhinha, as botas do bandeirante, os óculos de Mário de Andrade, o preá e etc..

AURORA (OFF)

Você já viu uma rua morrer?  
Nem eu.  
Claro que não.  
Rua não morre, vira história.  
Vai viver na cabeça de quem  
ainda consegue lembrar das suas  
curvas. Vai virar caminho na  
memória da cidade.

FADE OUT:

FIM.

Sugestão de créditos:

“Quando eu morrer quero ficar,  
Não contem aos meus inimigos,  
Sepultado em minha cidade,  
Saudade.

Meus pés enterrem na rua Aurora,  
No Paissandu deixem meu sexo,  
Na Lopes Chaves a cabeça  
Esqueçam.”

Mário de Andrade ANDRADE, Lira Paulistana.

Música: [Aurora, da Banda Graveola](#).